

Teologia da Prosperidade ou Estratégia de Sobrevivência

Estudo Exploratório

Oneide Bobsin

“Hoje em dia tudo parece sujeito a transações.
A alma humana é posta em leilão.”
(Joaquim Nabuco)

1. Observações Preliminares

O título provocativo deste artigo nos remete a uma problemática que transcende os limites de um trabalho que se encontra numa fase exploratória de pesquisa de campo¹. Por esta razão, satisfaço-me com uma descrição genérica de aspectos do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) sobre a teologia da prosperidade, que predispõe os excluídos a buscar a manipulação da religião num confronto com formas religiosas que se desenvolveram num período em que não se colocava a idéia de mercado de forma tão determinante quanto hoje. Segue-se a essa descrição o levantamento de pistas teóricas que intentam desvendar o nexos entre religião e estratégia de sobrevivência.

Os dados a partir dos quais se fará a análise do discurso religioso sobre a prosperidade provêm de três fontes. Primeira, a participação como observador nos cultos da IURD, especialmente daqueles que são denominados “corrente da prosperidade”, às segundas-feiras. Nos últimos meses venho observando cultos em alguns municípios da região metropolitana de Porto Alegre. Segunda, leitura da *Folha Universal*, análise de programas de rádio e pesquisa da literatura produzida por líderes da IURD, especialmente da coletânea publicada por Edir Macedo, líder máximo desse movimento. Terceira, textos que analisam o pentecostalismo autônomo ou neopentecostalismo a partir de um enfoque sócio-antropológico.

A fase embrionária dos estudos sobre o neopentecostalismo força o pesquisador a se lançar a campo para fugir de preconceitos e falsas análises de lideranças religiosas que sentem-se ameaçadas com a agressividade competitiva do neopentecostalismo. É preciso fugir de análises maniqueístas que vêem o mal sempre no concorrente. Incurreríamos numa interpretação subjetiva e injusta se não olhásse-

mos para os seres humanos que acorrem aos templos da IURD como estratégia de sobrevivência numa sociedade de exclusão. Colocar a ortodoxia na frente da pesquisa nos induziria a uma polémica entre poucos, embora satisfizesse o ego dos “donos da verdade absoluta”, sejam eles de partidos, da academia ou das igrejas. Por isso, o contato direto por meio da pesquisa nos coloca frente a frente com pessoas que sofrem, e não com idéias abstratas, das quais se alimentam especialistas sem coração que se limitam a entender o mundo sem o objetivo de transformá-lo. A pesquisa nos ajuda a ver o corpo que fala, evitando, assim, um confronto etéreo de falas. Ciência sem amor incha, afirmou o apóstolo Paulo.

A exigente urgência da pesquisa de campo é dificultada enormemente pela resistência em conceder entrevistas por parte dos novos pentecostais. Esta dificuldade pode ter como pano de fundo o caráter sectário do movimento, a ênfase na tradição oral em detrimento da teologia reflexiva e os programas de televisão que exploraram o “charlatanismo e fanatismo” da IURD de forma extremamente sensacionalista. Os programas sensacionalistas da Globo e de outras sobre a IURD ocultavam, a meu ver, assuntos relativos à concorrência entre canais de televisão. As críticas da mídia ao movimento religioso liderado por Edir Macedo surgiram no momento em que ele comprou a TV Record de São Paulo. Imagino que as polémicas decorrentes desse fato dificultem as entrevistas entre os neopentecostais.

2. Pentecostalismo e Neopentecostalismo

A ausência de uma história acadêmica² deixa o pesquisador do pentecostalismo um tanto inseguro. Passaram-se aproximadamente 85 anos de atividades pentecostais no Brasil e pouco se escreveu sobre este fenômeno pluralista que se tornou referência religiosa para milhões e milhões de brasileiros³, cuja maioria compõe-se de pessoas das camadas pobres e excluídas dos centros urbanos.

A ausência de pesquisa histórica não nos impede de distinguir três fases do pentecostalismo brasileiro. Evidentemente não é possível fazer cortes estanques numa história cujo movimento indica uma pulverização do fenômeno, oportunizando, desta forma, o surgimento de ramos afins que competem entre si. Por esta razão, a referência ao pentecostalismo exige que o coloquemos sempre no plural, não obstante uma base comum que se caracteriza pelo Batismo do Espírito Santo, pelos dons espirituais e pela segunda vinda de Cristo⁴.

A primeira fase compreende as quatro primeiras décadas — 1910-1950 —, quando o pentecostalismo foi implantado por missionários estrangeiros. Neste período ele alcançou os principais centros urbanos dos estados da Federação, preparando-se, assim, sua forte expansão na etapa seguinte. O período de implantação foi profundamente marcado pela influência de missionários estrangeiros, especialmente os de origem sueca. O mais expressivo ramo do pentecostalismo brasileiro, a Assembléia de Deus, foi fundado por missionários suecos que tiveram

uma rápida passagem pelos Estados Unidos no início deste século. Acolhidos pela Igreja Batista de Belém do Pará, em 1910, Gunnar Vingreen e Daniel Berg fundaram o primeiro núcleo da Assembléia de Deus brasileira, após pregações carismáticas que dividiram a congregação batista, de origem norte-americana.

A influência do pentecostalismo de origem sueca no período de implantação desse fenômeno, principalmente no norte e nordeste do Brasil, mereceria um estudo exaustivo. Perguntamo-nos pelo possível nexos entre um fenômeno religioso periférico de uma sociedade nórdica como a sueca, com um luteranismo cultural dominante e vinculado ao Estado⁵, e o norte e nordeste brasileiros, profundamente influenciados pelo catolicismo popular de origem ibérica. Parece que os marginalizados sócio-religiosos da Suécia se encontraram com os pobres daqui, forjando, desta maneira, o “abrasileiramento” do protestantismo de vertente carismática. Não podemos ignorar o fato de que a cultura religiosa que serviu de solo para o crescimento pentecostal também se desenvolvera à margem dos padrões teológicos da hierarquia católica.

A Congregação Cristã do Brasil (CCB), fundada em 1911 pelo ítalo-americano Luigi Francescon, no bairro do Brás em São Paulo, faz parte dessa história de implantação do pentecostalismo no Brasil. Especialmente para os evangélicos luteranos teuto-brasileiros cabe destacar alguns aspectos do surgimento e desenvolvimento inicial deste ramo do pentecostalismo residualmente calvinista. A CCB nasceu e se desenvolveu num bairro de operários italianos, que se destacavam pela atuação-anarco-sindicalista numa região em que o capitalismo industrial se firmava. Em duas décadas, a mensagem da CCB, falada e cantada em italiano, invadiu a realidade brasileira. Desta forma, distingue-se do luteranismo cultural de migração, que por mais de um século esteve preso ao germanismo. O segundo contraste entre o etno-luteranismo teuto-brasileiro e a CCB reside no fato de que esta cresceu e se desenvolveu entre operários urbanos, ao passo que aquele ficou circunscrito basicamente ao mundo rural. O etno-luteranismo teuto-brasileiro, por razões internas e externas, fechou-se por mais de um século na raça e na roça⁶.

Como já enfatizamos acima, a periodização do pentecostalismo não pode se prender a limites rígidos. Por volta de 1930, um número significativo de pastores brasileiros da Assembléia de Deus, “formados” no Brasil, desempenhavam papel importante na expansão e organização do movimento pentecostal. Percebe-se, assim, uma nacionalização progressiva do pentecostalismo, a qual, em certo grau, coincide com a histórica política do país. Não estamos sugerindo que a nacionalização do pentecostalismo seja um reflexo do que ocorrera nas estruturas econômicas e políticas brasileiras. Não partilhamos da visão economicista em moldes marxistas-positivistas que vê a religião como um reflexo do mundo econômico. Destacamos, apenas, a simultaneidade dos fatos.

A partir de 1950, o pentecostalismo se ramificou com a vinda de missionários dos Estados Unidos e com o surgimento de novos grupos de origem nacional. São Paulo constituiu-se no centro de irradiação do pentecostalismo. Sob a influên-

cia de missionários norte-americanos, ocorreu a Cruzada Nacional de Evangelização. Em campanhas evangelísticas maciças, sob tendas de lona, lideranças de grupos pentecostais e protestantes aprenderam a centrar a pregação pentecostal na cura divina. Manoel de Mello, oriundo da Assembléia de Deus, fundou o seu movimento em 1955, em São Paulo, dando origem à Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo. Parece-me que a expressão “O Brasil para Cristo” não é fortuita. Ela pode não apenas indicar o alvo do projeto missionário de seu fundador, mas também significar o “abrasileiramento” do pentecostalismo.

Diferenciando-se, portanto, de outros ramos do pentecostalismo brasileiro, o movimento liderado por Manoel de Mello envolveu-se na política e no movimento ecumênico internacional. Parece que Manoel de Mello estreou na política aproximando o seu movimento do populismo de direita em São Paulo. Frustrando-se com essa experiência, mais tarde envolveu-se na eleição de pastores de seu rebanho para a Assembléia Legislativa paulista e para a Câmara Federal. Ele também filiou seu movimento ao Conselho Mundial de Igrejas. Embora possa ter havido alguma relação, eu não atribuiria à nacionalização do pentecostalismo o envolvimento na política e no ecumenismo. Houve outras razões, dentre as quais saliento as de fundo fisiologista.

Ainda na década de 60, sob a influência de missionários norte-americanos, desenvolveu-se a Igreja do Evangelho Quadrangular. Destaca-se de outros ramos do pentecostalismo por não elevar determinadas vestimentas a um “*status religioso*”. Nos Estados Unidos, o movimento nasceu e se desenvolveu sob a liderança de uma mulher chamada Aimee T. McPherson. Os quatro ângulos de sua evangelização foram deduzidos da interpretação do primeiro capítulo do livro do profeta Ezequiel e representam: Cristo, o Salvador, Cristo, o Santificador, Cristo, o médico que cura, e Cristo, o Rei que virá.

Com o surgimento da Igreja Evangélica Pentecostal Deus É Amor, sob a liderança de Davi Miranda, o pentecostalismo começou a apresentar características distintas que prenunciavam a terceira fase, a neopentecostal. Cresceram grupos autônomos, gerenciados por pregadores que reduzem a mensagem pentecostal à cura divina⁷. Em 1982, quando eu fazia pesquisa de campo para a dissertação de mestrado na zona leste de São Paulo, já senti a forte expansão do pentecostalismo autônomo, que competia com as igrejas pentecostais “tradicionalis”.

Portanto, a Igreja Evangélica Pentecostal Deus É Amor, fundada em 1961, em São Paulo, representa de certa forma a transição do pentecostalismo “tradicional” para o neopentecostalismo. A Igreja Universal do Reino de Deus, por sua vez, pode ser vista como um “empreendimento” religioso bem-sucedido no âmbito neopentecostal, com alcance internacional.

Estamos, pois, diante de um fenômeno religioso que deita suas raízes no pentecostalismo, mas não mais se identifica com ele. A crítica de Edir Macedo procura distinguir o seu movimento do pentecostalismo e de outras formas de protestantismo:

A Igreja atual tem que agir. Já vivemos o clima de pregação protestante de Lutero, o da pregação avivalista com João Wesley e agora temos que sair da mera pregação pentecostal, que está na moda, para a plena pregação. Temos que sair por aí dizendo que Jesus Cristo, batiza com o Espírito Santo, mas também, e antes de tudo, liberta as pessoas que estão oprimidas pelo diabo e seus anjos.⁸

A pregação da Igreja Universal do Reino de Deus consiste num discurso exorcizante que visa a libertação das pessoas dos demônios — guias, caboclos, orixás — para que, “desamarradas”, possam exigir de Deus o cumprimento de suas promessas. A transação entre o fiel e Deus é mediada pelo dinheiro dado à IURD. Assim, a lógica do mercado parece invadir o campo religioso. Neste sentido, há uma “afinidade” ou contemporaneidade entre o mercado que se quer impor como universal e os termos “Universal” e “Reino de Deus”. Apropriando-se do conceito evangélico “reino de Deus”, tão caro à teologia da libertação, a IURD o traduz para as regras do mercado, propagado como novo messias do mundo. O trabalho como mola propulsora para o protestantismo, capitalismo e comunismo cede espaço para a magia enquanto manipulação dos símbolos religiosos para fins práticos. Voltaremos ao assunto mais adiante.

3. Tríade do Pentecostalismo Autônomo

3.1. Religião de Resultados — Prosperidade

Como no âmbito econômico-financeiro, nos cultos da “corrente da prosperidade” a moeda circulante é o dinheiro. Por meio dele o fiel pode alcançar as bênçãos dos céus. Mas o dinheiro não se restringe ao papel de equivalente geral na “economia das trocas simbólicas”. Ele tem o poder de coagir a Deus, para que as promessas divinas sejam realizadas. A eficácia simbólica redundando em bênçãos materiais. Descrevemos, pois, alguns exemplos da “liturgia da prosperidade” que dramatiza a transação por meio da qual Deus abrirá as comportas dos céus:

O culto começa com cânticos que pedem bênçãos, seguidas de exorcismos. O pastor promete ungi as mãos dos presentes naquela segunda-feira de agosto, no templo ao lado da Rodoviária de Porto Alegre. O dirigente sugere que todos coloquem as mãos sobre a cabeça, de tal forma que os dedos fiquem entrelaçados. Então o pastor, com um microfone na mão, ao som de uma música de fundo, pede que o Espírito de Jesus desamarre a vida das pessoas. “Visita, Senhor, todas as pessoas que estão amarradas pelo poder da macumbaria. Sai, espírito do mal, sai, demônio da inflação, sai, sai, demônio da doença e da pobreza... Sai, sai, tranca-rua e pomba-gira que está estragando a vida deste casal. Cristo tem poder. Vem desamarrear esta pessoa que está indo mal no negócio... Amarra, Senhor, os demônios que impedem que os negócios andem bem...” Depois desta longa oração, as pessoas, sob o comando do pastor, desençam os dedos rapidamente,

jogando as mãos para cima ou para trás como se estivessem tirando de si os maus espíritos.

Vê-se ao fundo, no palco, uma mesa sobre a qual estão aproximadamente 50 Bíblias, próximas a três grandes vidros de sal. Como a curiosidade do público é grande, o pastor passa a explicar detalhadamente para que serve o sal. Toma do Antigo Testamento o texto de 2 Rs 2.19ss. e faz a seguinte explanação centrada na produtividade do sal. Faz referências ao texto sem o ler. Diz que Eliseu foi à fonte das águas, que eram amargas e tornavam o país estéril, e jogou sal, transformando-as em águas saudáveis e produtivas.

Após falar do valor produtivo do sal, o pastor dirigente do culto diz que ao final de 28 dias distribuirá um prato de sal para quem tomar um envelope no qual deverá ser colocada a quantia de R\$ 38,00. Reafirma que o sal poderá ser derramado no escritório da empresa, se ela estiver no vermelho. Da mesma forma, se os negócios estão indo mal, a pessoa poderá levar esse sal unguento para colocar em seu mercado. Verá que os negócios crescerão novamente. Se há conflitos no casamento, por causa de um espírito mau, a pessoa poderá jogar o sal no quarto do casal, e a felicidade voltará. Assim, foi enumerando situações para as quais o sal seria muito importante. Ao final de sua fala, formou-se uma grande fila de pessoas que pretendiam fazer esse “propósito ou voto” — palavras ditas pelo pastor para se distanciar da terminologia católica relativa a promessas.

Segue-se ao discurso explicativo um momento para os testemunhos de pessoas que receberam bênçãos. Chama a atenção o fato de que sobem ao palco pessoas bem vestidas, com uma linguagem típica do mundo do comércio. Cada pessoa diz como a campanha do sal já está trazendo resultados para a sua empresa. Destaca-se o depoimento de um pequeno empresário cujos contratos de venda cresceram depois que os pastores foram exorcizar e abençoar a sua empresa. Com isto, os pastores enfatizam mais a eficácia da luta espiritual contra os demônios que impedem o sucesso econômico e a saúde plena.

Noutro local, num culto da “corrente da prosperidade” para pessoas das camadas pobres, o pastor entrega semanalmente uma semente de mostarda aos fiéis que se comprometeram a trazer toda semana R\$ 1,00 para a Igreja. Baseado na parábola do grão de mostarda, a menor de todas as sementes, que se transformou numa árvore, o pastor explica como proceder para alcançar bênçãos. A pessoa que participava dessa corrente recebia semanalmente uma semente de mostarda, que era colocada sobre um chumaço de algodão molhado num copinho plástico de cafezinho. Observei que algumas sementes já tinham germinado. Isto deveria ser feito durante sete semanas. Mesmo estando apenas na terceira semana, pessoas diziam que já estavam sendo abençoadas.

Assim como das Bíblias emanarão forças divinas que unirão o sal, que por sua vez espantará os demônios para que venham as bênçãos, da mesma forma a semente de mostarda germinada transmitirá o seu poder aos pedidos dos fiéis. No

segundo caso, o pastor deixa bem evidente que os pedidos escritos devem ser colocados sob o copinho com as sementes germinadas. Delas, afirma ele, virá uma força que fará dos pedidos uma realidade. O pastor enfatiza que a semente simboliza a fé, não é a fé. Esta ênfase demonstra que os pastores da IURD sabem muito a respeito das tradições populares católicas que se baseiam nas bênçãos a objetos. Afinal, é de lá que vieram. Eles procuram reinterpretar essas tradições mágico-religiosas a partir da ótica da “teologia da prosperidade”. As reiteradas críticas dos pastores às práticas populares católicas mostram o quanto é difícil modificar “gabaritos” religiosos multisseculares.

Estes dois exemplos, tanto quanto outros, mostram como as passagens bíblicas são interpretadas na perspectiva da produtividade e da prosperidade. Retiram os textos de seu contexto histórico agrícola pré-capitalista, trazendo-os para um contexto urbano de exclusão, determinado pelo mercado capitalista. Os textos bíblicos são arrancados do mundo da produção pré-capitalista e reinterpretados no contexto da circulação de mercadorias segundo a lógica do capital. Esta mudança de lugar vivencial dos textos mereceria um estudo mais detalhado.

A coerção religiosa das sociedades tradicionais cede o seu lugar à exigência indiscutível de pagar o dízimo, sob pena de o fiel não alcançar as bênçãos divinas. Mas a contribuição à IURD não coage apenas o crente; ela é estendida ao próprio Deus. A contribuição, portanto, força Deus a cumprir as suas promessas. Como na sociedade, também na IURD predomina a lógica da manipulação a partir do poder do dinheiro. Deus age em consequência da doação humana. Veja o que diz Edir Macedo a respeito do dízimo:

Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a sua Palavra, repreendendo espíritos devoradores que desgraçam a vida do homem, atuando nas doenças, nos acidentes, nos vícios, na degradação social e em todos os setores da atividade humana, fazendo com que o homem sofra eternamente.⁹

As promessas de “vida com abundância” são repetidas em cada culto. Aos que se comprometerem com Cristo e abrirem as mãos são prometidos carros, casa na praia, emprego, etc. Tudo pode ser prometido porque as limitações econômicas e financeiras e outros dramas humanos têm origem espiritual. Por esta razão, é no mesmo nível que os problemas serão resolvidos. Como tudo recai sobre os ombros do indivíduo que está sob o poder de forças maléficas, os fatores sócio-econômicos e culturais não são considerados. Assim, ao apresentar soluções transcendentais para problemas concretos, o discurso da IURD legitima o *status quo*¹⁰.

Ao deslocamento da origem dos problemas da esfera social para a espiritual centrada no indivíduo corresponde a redução da religião ao âmbito antropológico. De fato, Deus é submetido aos sonhos humanos. A idéia de Pai espelha-se numa concepção bem antropológica, nada devendo à teoria da projeção de Feuerbach na sua obra *A Essência do Cristianismo*. Um exemplo pessoal de Edir Macedo revela

como sua compreensão religiosa está diluída num “sonho” humano fabricado, na verdade, pela sociedade em que vivemos:

Imagino que Deus não é um Pai pior do que eu ou do que outros pais. E eu, por exemplo, tenho duas filhas e, pela minha vontade, daria a elas um castelo milionário no melhor lugar do mundo. As melhores roupas, as mais lindas jóias, a mais fina educação, e, se pudesse, escolheria para elas príncipes que as desposassem. Não tenho a menor dúvida de que faria isto se pudesse.

Quando ficassem doentes, mandaria trazer até elas os melhores especialistas do mundo, e, com respeito à alimentação, mandaria vir pêssegos da Califórnia, laranjas e maçãs da Argentina, azeite de Portugal, queijos da Suíça, e especiarias diretamente dos países que são os melhores fabricantes. Eu faria para elas tudo o que de melhor pudesse fazer, simplesmente porque elas são minhas filhas...¹¹

Segue a sua argumentação dizendo que Deus é um Pai rico; logo, os filhos também são ricos. Nesta perspectiva tornam-se paradigmáticos o exemplo de Jó e a passagem de Jo 10.10, na qual Jesus promete vida abundante.

Portanto, a chave hermenêutica da “teologia da prosperidade” passa ao largo da solidariedade, da comunidade e da gratuidade divina. Não há espaço para a graça, pois a chave é dada pela sociedade na qual predominam as leis do mercado.

3.2. “Pode quem Pensa que Pode”

Alcançar a prosperidade por meio da religião e do conhecimento é patrimônio comum de movimentos religiosos e seculares de nossa época. Há uma enorme confluência entre esses movimentos que defendem o conhecimento das forças interiores do ser humano como meio de alcançar sucesso e riqueza em detrimento de agentes coletivos e comunitários. Nestes casos, as pessoas reforçam a deserção do social e do político. Como exemplo típico dessa “viagem para dentro de si” pode-se tomar um ex-guerrilheiro que se converteu ao misticismo. “Agora”, disse ele no programa de entrevistas de Jô Soares, “abandonei a revolução baseada em fatores externos para conhecer o meu mundo interior.” Portanto, a idéia de prosperidade não pode ser restrita ao neopentecostalismo. Ela articula um movimento “ecumênico” que abrange pessoas e movimentos diferentes. Edir Macedo não está sozinho.

Um paralelo entre Edir Macedo, Lauro Trevisan e Lair Ribeiro comprova a “ecumenicidade” do movimento baseado no ideário da prosperidade. Em seu livro *Pode quem Pensa que Pode*, a exemplo do neopentecostalismo, Lauro Trevisan defende a idéia de que miséria, desemprego, doença, etc. são estados mentais. Sua “ciência do sucesso” se resume no seguinte:

Todo pensamento acreditado acontece. Toda oração acreditada acontece. O milagre é a força divina imanente em você. Se esta força é imanente em você — você é o seu poder do milagre. Por causa do poder de Deus, que existe em você.¹²

A libertação de todos os males, materiais e espirituais, baseia-se numa teologia do poder infinito da mente. Desta forma, ignorando os fatores culturais, econômicos e políticos, bem como os condicionamentos psicossociais, Trevisan atesta a inutilidade de partidos, movimentos, comunidades e, não por último, indiretamente faz coro com os defensores do Estado mínimo. O poder da mente do indivíduo, que ignora os agentes da sociedade na resolução dos problemas estruturais, firma-se na autodivinização do ser humano. Se Deus pode tudo, você também poderá alcançar qualquer objetivo. É só mentalizar.

Ora, a presença de Deus numa pessoa confere-lhe a grandeza infinita. Aliás, a Bíblia diz: “Vós sois deuses”. Isto significa que você tem a dimensão divina, porque Deus é em você.¹³

A “ciência do sucesso” também é tema de Lair Ribeiro. Embora não explicita sua visão religiosa, isto não significa que ela não esteja presente. À semelhança de Trevisan, ele também afirma que o sucesso está nas mãos das pessoas. Em seu livro *O Sucesso não Ocorre por Acaso*, traz orientações de como as pessoas poderão aumentar a sua capacidade mental para alcançar seus objetivos na vida. Contestando a mentalidade fatalista, Lair Ribeiro e outros defensores e pregadores do “pensamento positivo” passam ao largo da encarnação de Deus no Cristo que se solidariza com os fracos, como no gnosticismo, embora não ignorem o mundo material. Ao contrário, afirmam-no com todo o vigor. De certa forma, parece que estamos diante de uma “teologia da libertação” mágico-individual, que propugna que se transcendam os fatos e acontecimentos por meio de técnicas que ativam a capacidade cerebral. Fazendo um trocadilho, poder-se-ia afirmar que a fé se ativa pelo autoconhecimento.

Através do uso da mente, o ser humano é potencialmente capaz de mitigar ou transcender os acontecimentos predeterminados por forças cárnicas ou astrológicas. É sempre possível, a qualquer pessoa, escolher como agir diante de qualquer coisa que acontece. (...) Se o livre arbítrio não nos possibilitasse essa transcendência, seria incoerente, seria uma sacanagem cósmica.¹⁴

Os pregadores da IURD nada ficam devendo aos divulgadores do “pensamento positivo” como Lauro Trevisan e Lair Ribeiro. A fé resume-se numa técnica que busca na interioridade humana os impulsos que conduzirão as pessoas ao sucesso. Isso ficou muito evidente num culto da IURD realizado numa praça em Porto Alegre. Aproximadamente 3.000 pessoas faziam parte do culto “O Clamor dos Trabalhadores”, para o qual as pessoas foram solicitadas a trazer as carteiras de trabalho, se estivessem desempregadas. Depois de muita música e embalos dos participantes, o dirigente tomou a palavra e perguntou: “Quem tem fé?” Olhou para as mãos levantadas e disse brincando: “Quem fé-demais, é gambá.” Após dizer que o trabalhador está desamparado pelo governo, sindicatos, partidos, afirmou que se a pessoa nada tem dentro de si, não adiante ter fé. E concluiu: “A fé tira de dentro o que a gente tem de melhor. Se não tem nada, pouco ajuda a fé.”

Sob o título “Como Obter as Bênçãos pela Fé”, Edir Macedo indica o caminho às pessoas pobres para alcançar a bênção financeira, reconhecendo as limitações estruturais para a mobilidade social:

Um dos maiores problemas entre as pessoas de classe menos privilegiada é a situação financeira. É muito difícil para elas alcançarem um espaço ou um lugar ao sol dentro da sociedade em que vivemos: sempre existem aquelas barreiras de dificuldades, impostas pela classe mais favorecida. É claro: o rico sempre procurará colocar obstáculos no caminho do pobre, porque se o pobre por acaso tornar-se rico, então, quem servirá ao rico?! Além do mais, a maioria dos ricos no Brasil vive da miséria do pobre... Desse modo, se o pobre não encontrar um caminho próprio, pelo qual possa subir na vida, independente de quem quer que seja, vai ser muito difícil para ele alcançar uma posição melhor na nossa sociedade. E é justamente aí que entra a fé sobrenatural positiva e ativa.¹⁵

Assim, esses movimentos dão *status* teológico a uma perspectiva religiosa antropológica, confundindo a mão invisível do mercado com a idéia de Deus. A concepção cristã de que Deus está fora de nós — *extra nos* — é totalmente ignorada pelos movimentos de autodivinização, que indicam uma estratégia de sobrevivência para uma maioria excluída.

3.3. A Etiologia das Doenças

Os orixás, os caboclos e guias não apenas podem “amarrar” o sucesso material do ser humano; eles também são a causa das doenças. Esta compreensão parte do pressuposto de que Deus criou o ser humano saudável, logo não se pode atribuir a Ele as doenças. Por isso, é impossível não ser curado, pois Cristo derrotou todos os poderes na cruz. No entanto, nem todas as doenças têm sua origem na possessão demoníaca.

A interpretação que Ricardo Gondim, líder de uma Igreja Pentecostal, faz da etiologia das doenças na “teologia da prosperidade” pode ser estendida aos pregadores da Igreja Universal:

(...) o cristão pode ter o diagnóstico da doença e pensar que está doente, mas na verdade não está, porque a doença foi vencida na cruz. Hoje ela é apenas uma ilusão da mente, que se opõe à realidade do espírito.¹⁶

A esta visão pode ser acrescida a idéia de que existe uma analogia entre o corpo sem espírito e a doença sem o seu próprio espírito. Quando ocorre uma expulsão de um demônio que causou a doença, na verdade é o espírito da doença que foi expulso. Com isto se está afirmando que, segundo a pregação da IURD, a doença tem um espírito, que é o espírito da doença. Por esta razão é fundamental que a pessoa se encha do Espírito Santo, para que os espíritos da umbanda, candomblé e espiritismo não ocupem o espaço vazio.

Ao expulsarmos os demônios das doenças, acontece o mesmo, quando o espírito humano sai do homem. O corpo sem espírito morre; assim, a doença sem o espírito da doença sai também e a pessoa fica curada.¹⁷

No que concerne às causas das doenças e à busca de saúde, o pentecostalismo autônomo ou neopentecostalismo distingue-se do pentecostalismo em dois aspectos. Primeiro: as igrejas pentecostais com um grau maior de institucionalização são mais ponderadas em seus “diagnósticos”, não obstante defenderem a idéia de que as doenças têm causas espirituais. Para os pentecostais “históricos” ou tradicionais, a doença pode ser enviada por Deus como uma provação para o crente. Deus testa o fiel com doenças e outros males. Esta interpretação parece não ser possível no neopentecostalismo. Segundo: ao contrário do pentecostalismo tradicional, o neopentecostalismo parece não criar uma comunidade que define uma relação de pertença de quem foi “curado”. Em outras palavras, as pessoas são libertadas de seus demônios sem que decorra disto uma definição de pertença à comunidade, que, de fato, ainda não existe. A ausência da comunidade faz do neopentecostalismo um fenômeno marcado por uma determinada mentalidade urbana, um tanto fragmentária e individualista, muito embora nos últimos tempos perceba-se uma leve tendência à “tribalização” nas metrópoles.

3.4. Exorcismo — Posse e Poder

Na prática, o neopentecostalismo reduz a mensagem pentecostal a aspectos mágicos enquanto técnicas, disputando a hegemonia no campo religioso com os cultos afro-brasileiros e o espiritismo basicamente. A disputa por um controle maior no campo religioso desemboca numa guerra espiritual — “guerra santa” — contra as religiões de possessão. Por esta razão, as religiões mediúnicas são vistas como espaço de atuação dos demônios, que não só trazem desgraças para a profissão, o casamento, a saúde, mas também para o país. A existência de um governante ligado às religiões mediúnicas pode abrir o espaço geográfico sobre o qual se governa para os espíritos maléficos.

Por essa razão, não se pode ignorar que as palavras “poder” e “posse”, comuns e básicas no ideário neopentecostal, tenham uma conotação que transcende o universo religioso, alcançando a política e a economia. No período da campanha eleitoral de 1994, os pastores concluíam os cultos fazendo fortes críticas a Lula e ao PT, insinuando que em 1998 seria bom que os evangélicos lançassem um candidato de seu meio. Em outras palavras: para se tomar “posse” é preciso ter “poder”. Desta forma, não é apenas o maniqueísmo que ressurgiu, mas também a velha concepção medieval de que o governo temporal deve ser exercido por lideranças cristãs. Assim, no final do século XX ressurgiu a caça às bruxas: pessoas possuídas pelos guias, caboclos e orixás e lideranças políticas que propugnam a transformação estrutural da sociedade precisam ser exorcizadas, porque estariam “possuídas”. Persistem resíduos da guerra fria conectados à “guerra santa”, maniqueísta.

Nessa batalha espiritual ou “guerra santa” não basta ser um cristão convicto, participar de uma Igreja evangélica ou ser pentecostal. Nada disso garante a plena libertação dos poderes dos demônios, segundo os pastores da IURD. Há depoimentos de pessoas crentes que vão aos templos da Igreja Universal precisando de exorcismo. Edir Macedo cita o caso de uma participante dos cultos da IURD que já havia sido libertada há dois anos, e ainda caía endemoninhada. Constataram que ela estava tendo um caso com um homem casado. Com este comportamento duvidoso, a mulher dava espaço para os demônios agirem¹⁸. Para evitar a volta dos demônios é fundamental a entrega total a Cristo. É preciso que se exercite o poder de Cristo nas vidas, afirma Edir Macedo.

A “guerra santa” contra os demônios ocorre nos cultos de uma forma coletiva e, após estes, de forma individual com oração e imposição das mãos. Assim que a pessoa conta seu problema, o pastor impõe as mãos sobre ela e ora. O “diagnóstico” do mal acontece de modo muito rápido. O pastor logo detecta os demônios. Da mesma forma, levam-se peças de roupa ou outros objetos para serem “ungidos”, a fim de que o mal abandone a pessoa.

Portanto, para os pregadores da IURD o demonismo é o maior desafio para os “cristãos autênticos”. Para se ter uma noção da ênfase que o neopentecostalismo dá ao demônio poder-se-ia traçar o seguinte paralelo: a luta contra os “demônios” dos cultos afro, umbanda e espiritismo está para a IURD assim como a justificação por graça pela fé está para a Igreja Evangélica Luterana.

No fundo, o neopentecostalismo “traveste” com sua “cruzada” contra os espíritos maléficos a velha questão sobre o mal relacionado com o sofrimento, comum a todas as religiões. A análise antropológica nos ajuda a compreender o nexo entre mal e sofrimento:

Como problema religioso, o problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alguma coisa tolerável, suportável — alguma coisa, como se pode dizer, sofrível.¹⁹

Certamente os pregadores da religião de resultados ou “teologia da glória” não concordariam com esta afirmação de Geertz. Ao questionarem o fatalismo, não aceitam a derrota frente ao mundo. Prometem a superação de todos os sofrimentos a partir de uma nova situação de “possessão” do Espírito Santo. No entanto, como não abordam os sofrimentos também na dimensão estrutural, a “teologia da prosperidade” ensina como sofrer. Na linguagem dos evangelhos, coam mosquitos e deixam passar camelos.

Por conseguinte, procuram bodes expiatórios. Faz-se necessário atribuir o mal, o sofrimento, o fracasso, a dor, a perda às forças espirituais. Esta mentalidade maniqueísta atravessa a história, alcançando a sociedade moderna que se julga tão esclarecida. Não só os deuses estão de volta, mas também os demônios. As pequenas ilhas da tão propalada racionalidade ocidental estão cercadas por oceanos

de “irracionalidades”. Nestes, nossos discursos teológicos soam como idéias fora do lugar. O sofrimento, a miséria, a falta de perspectiva dos milhões de excluídos do mercado buscam uma visão de mundo marcada por formas de religiões que ressuscitem a salvação pelo conhecimento e o maniqueísmo. Desta vez, fecundadas pela lógica do mercado capitalista. Tudo indica que a “teologia da prosperidade” pode ocupar o lugar da velha “ética protestante do trabalho” pelo viés mágico, forjando uma subjetividade para os excluídos. Por isso, o discurso exorcizante faz guerra contra formas religiosas cuja eficácia simbólica demonstra cansaço num mundo em que se impõe o mercado como messias. O maniqueísmo é bem-vindo para reforçar o *status quo*...

Assim, a concepção maniqueísta da realidade não parece se prender unicamente a uma corrente religiosa historicamente datada, mas antes parece revelar uma inclinação profunda do espírito humano que determinaria, pois, uma constante do processo evolutivo, e que se exprimiria por inúmeros pares antitéticos que reduzem o real a duas dimensões mutuamente exclusivas: Bem e Mal, Deus e Diabo, luz e trevas, verdadeiro e falso, Céu e Inferno, branco e preto, natureza e sociedade, Oriente e Ocidente, rico e pobre, burguesia e proletariado, ciência e ideologia, espírito e matéria, essência e aparência, macho e fêmea, amor e ódio, vida e morte, prazer e dor, etc.²⁰

A teoria do conhecimento baseada na compreensão evangélica luterana de que somos simultaneamente justos e pecadores, da qual decorre a visão de que o mundo é um só e que joio e trigo crescem juntos, terá enormes dificuldades em se enraizar numa cultura predominantemente maniqueísta. Este parece ser um dos grandes desafios missionários da teologia evangélica luterana.

4. Pistas Interpretativas e Conclusivas

À medida que íamos descrevendo alguns aspectos da “teologia da prosperidade”, foram inevitáveis algumas breves intuições teóricas, não obstante termos colocado como objetivo uma descrição “isenta” de avaliações analíticas. É óbvio que sabemos de antemão que os dados em si não produzem uma explicação. Por isso, nesta conclusão queremos indicar alguns caminhos de interpretação do discurso sobre “prosperidade” da IURD.

4.1. Dádiva, Dinheiro e Deus

No clássico “Ensaio sobre a Dádiva”, Marcel Mauss analisa com profundidade a “Forma e a Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas”, que pode trazer uma luz teórica sobre o nosso objeto de estudo. Com a análise da “dádiva”, Mauss revela o sistema de obrigações nas sociedades “primitivas”, baseadas em “dar, receber e retribuir”. A base desse sistema consiste na compreensão de que a “coisa dada cria uma obrigação”²¹.

Não obstante seu caráter voluntário, as dádivas criam uma obrigação. Ao lado deste aspecto fundamental há um outro que revela uma simbiose entre as almas e as coisas²². Em outras palavras, a “coisa” dada tem algo do doador, que, por sua vez, tem ascendência sobre a pessoa que recebeu o presente. Fazendo um paralelo com o discurso da IURD, poder-se-ia afirmar que a relação entre o doador e Deus é de obrigação, como no sistema de troca das sociedades arcaicas. Deus é obrigado a cumprir a sua parte, pois prometeu.

O paralelismo entre o sistema de trocas das sociedades arcaicas e a relação de “obrigação” entre o fiel e Deus no discurso da IURD tem limites. Tendo como pano de fundo as regras que norteiam as transações numa sociedade determinada pelo mercado capitalista, pode-se dizer que o dinheiro (d) dado a Deus (D) retorna majorado ao doador. Assim, “d” nas mãos de “D” faz com que o dinheiro se transforme em d+. Se estivéssemos no mundo da produção segundo Marx, poder-se-ia afirmar que o valor acrescido veio da mais-valia produzida por Deus, sob ordem do fiel. Mas não estamos no mundo da produção, e sim da circulação. Por isso, nada de novo foi criado com essa transação entre o crente e seu Deus. Além disso, a transação foi aparentemente individual. Ela seguiu as regras determinadas pela sociedade no contexto de um culto enquanto acontecimento coletivo.

4.2. A “Magia Protestante”

A afinidade eletiva entre “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” dispensa maiores comentários a respeito da possível influência de determinada visão religiosa do século XVI na formação do capitalismo primitivo. Para Max Weber, o protestantismo incipiente, nas suas versões luterana e calvinista, forjou elementos racionais que favoreceram o desenvolvimento da poupança e do espírito empresarial²³. Partindo da análise de vocação, em Lutero, e de predestinação, em Calvino, esse sociólogo clássico concluiu que o protestantismo colocou o ser humano só diante de Deus, sem a mínima possibilidade de manipulação das forças não-empíricas para alcançar fins práticos imediatos, como na magia. Deus é tirado dos conventos e mosteiros, e invade o cotidiano do trabalho. No trabalho você “prova” que Deus está do seu lado abençoando ricamente. Neste sentido, Weber afirmou que o luteranismo não foi tão revolucionário quanto o calvinismo — isto se pensarmos em termos capitalistas.

A análise do neopentecostalismo na perspectiva weberiana nos leva a afirmar que a magia tomou o lugar da ética do trabalho. Em outras palavras, a bênção pode ser alcançada manipulando as forças não-empíricas para alcançar resultados concretos e imediatos. Desta maneira, a IURD instrumentaliza os indivíduos para agirem por meios simbólicos dando-lhes a sensação de sujeitos ativos na superação dos limites na luta pela sobrevivência.

4.3. TP versus PT

Já alertamos neste trabalho que durante a campanha eleitoral para a Presidência da República, em 1994, os cultos terminavam com uma “cruzada” anti-Lula. Também a *Folha Universal*, jornal da IURD, não poupava críticas ao candidato da Frente Popular. As lideranças da Igreja Universal sugeriam três razões para um cristão não votar em Lula. Primeira: Lula iria trazer o comunismo: “Se você tiver dois carros ou duas casas, o governo vai tomar um.” No discurso político da IURD há fortes resíduos da guerra fria. Segunda: a esquerda favoreceria uma legislação para o casamento entre homossexuais. Terceira: o aborto seria legalizado. Em quase todos os cultos do período eleitoral estas críticas apareciam. Em contrapartida, as pesquisas que anunciavam o crescimento das intenções de voto em Fernando Henrique Cardoso eram recebidas com alívio e como resposta de Deus aos pedidos dos fiéis. É evidente que o apoio a FHC resumia-se ao fato de ele ser o candidato anti-Lula. As lideranças da IURD apoiariam qualquer outra candidatura que evitasse a vitória do Lula “ateu”, “comunista” e “imoral”.

No entanto, podia-se pressentir que o público presente aos cultos não aceitava acriticamente as sugestões e imposições de candidatos por parte dos pastores. Estes teciam longas considerações para justificar o apoio de seu movimento religioso a determinados candidatos. A crítica à Frente Popular e as sugestões de nomes de candidatos confiáveis para a IURD eram precedidas de longas justificativas, como se eles pressentissem que o povo estava ali por outras razões.

Outro exemplo também comprova nossa suspeita de que “as ovelhas da IURD não seguiam a voz de seus pastores” no que diz respeito às eleições. Assim que era vendida ou distribuída a *Folha Universal*, com manchetes anti-Lula, notava-se que as pessoas logo folhavam as páginas com depoimentos e testemunhos de curas e bênçãos. Parece que não priorizavam os artigos sobre a campanha eleitoral.

Nos discursos políticos dos pastores apareciam importantes elementos que, se relacionados, permitem ver uma possível estratégia política da IURD. Ao pedirem votos, os pastores deixavam transparecer o projeto de, para 1998, lançarem ou apoiarem o nome de um candidato evangélico à Presidência. Por trás disso está a velha idéia de cristandade, em que o poder temporal é também exercido pela Igreja. Outro elemento fundamental nesta análise relaciona-se com o plano de organizar um “império” de comunicação. Programas de rádio, a TV Record e a *Folha Universal* com circulação nacional apontam para um grande projeto de comunicação. Relacionando os fatos, portanto, podemos levantar perguntas sobre as ambições políticas do movimento ou de seu líder.

Nesta perspectiva, não precisamos fazer exercícios de futurologia a respeito das conseqüências de um possível fracasso do governo FHC. Com certeza, uma parcela significativa dos excluídos poderia apoiar propostas populistas de direita

que tenham profunda afinidade com o discurso da IURD e de candidatos como Enéias Carneiro, do PRONA. Mesmo que esteja longe de ser vidente, a ciência pode fazer previsões a partir das tendências atuais.

4.4. Graça e Mercado

Considerando que a nossa pesquisa se encontra numa fase embrionária, não pretendemos fazer uma avaliação teológica dos seus dados. Isto, no entanto, não impede que seja aberta uma pista interpretativa entre muitas que possam ter surgido para quem leu esta análise inicial dos dados coletados em cultos da IURD. A mim me ocorreu a idéia da incompatibilidade entre o discurso luterano baseado na graça de Deus e o sistema de obrigação e troca da IURD. Para a teologia luterana é inconcebível a idéia de manipulação de Deus. Em contrapartida, a “teologia da prosperidade” provê os excluídos de meios simbólicos que apresentem alguma eficácia na luta pela sobrevivência. Na luta pela sobrevivência na periferia, o discurso eclesial luterano ainda é uma idéia fora de lugar. Nem por isso se sugere trocá-lo pela pregação da IURD. A imitação pode levar à perda da identidade.

Bibliografia

Bibliografia Geral

- 1 BOBSIN, Oneide. *Trabalhadores Protestantes Urbanos — Religião e Ética do Trabalho*. Tese de Doutorado, PUC-SP, 1992.
- 2 BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- 3 CEDI. Dossiê. *Alternativas dos Desesperados: como Se Pode Ler o Pentecostalismo Autônomo*. Rio de Janeiro, 1991.
- 4 EVANS-PRITCHARD, E. E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- 5 FRESTON, Paul. Uma Breve História do Pentecostalismo: A Assembléia de Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 16(3):104-129, 1994.
- 6 GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York, Basic, 1973.
- 7 GONDIN, Ricardo. *O Evangelho da Nova Era*. São Paulo, ABBA, 1993.
- 8 MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, E.P.U./EDUSP, 1974. v. II.
- 9 MARIZ, Cecília L. *Religion and Coping with Poverty in Brazil*. Tese de Doutorado, Boston University, 1989.
- 10 MENEZES, Eduardo D. B. A Quotidianidade do Demônio na Cultura Popular. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 12(1/2):92-130, 1985.
- 11 ORO, Ari Pedro. “Podem Passar a Sacolinha”: um Estudo sobre as Representações do Dinheiro no Neopentecostalismo Brasileiro. *Cadernos de Antropologia*, Porto Alegre, 29:7-44, 1992.

- 12 RIBEIRO, Lair. *O Sucesso não Ocorre por Acaso*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1992.
- 13 STEIL, Carlos Alberto. Para Ler Gauchet. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 16(3):24-49, 1994.
- 14 SOUZA, Beatriz Muniz. *A Experiência da Salvação*. São Paulo, Duas Cidades, 1969.
- 15 TREVISAN, Lauro. *Pode quem Pensa que Pode*. Santa Maria/RS, Editora e Distribuidora da Mente, 1989.
- 16 WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1981.

Publicações Neopentecostais

- 1 MACEDO, Edir. *O Caráter de Deus*. Rio de Janeiro, Universal Produções, 1986.
- 2 —. *Vida com Abundância*. Rio de Janeiro, Universal, 1992.
- 3 —. *Orixás, Caboclos e Guias — Deus ou Demônios*. Rio de Janeiro, Universal Produções, 1993.
- 4 —. *O Poder Sobrenatural da Fé*. Rio de Janeiro, Universal, 1993.
- 5 —. *O Discípulo do Espírito Santo*. Rio de Janeiro, Universal, 1993.
- 6 FOLHA UNIVERSAL, Ano IV, nº 153. Rio de Janeiro, Universal.

Notas

- 1 O presente artigo faz parte de um projeto de pesquisa sobre neopentecostalismo que estamos desenvolvendo no Centro de Estudos do Pentecostalismo — Escola Superior de Teologia (EST). Foi elaborado inicialmente como palestra para a Semana Teológica da EST, ocorrida em setembro de 1994.
- 2 O. BOBSIN, *Trabalhadores Protestantes Urbanos*, pp. 32-41.
- 3 Fontes pentecostais afirmam que o movimento já ultrapassou os 30 milhões de adeptos no Brasil. Um movimento religioso em expansão sempre apresenta cifras que não condizem com a realidade. Paul FRESTON (*Uma Breve História do Pentecostalismo*, p. 106) estima que existam aproximadamente 13 milhões de pentecostais no Brasil.
- 4 B. M. SOUZA, *A Experiência da Salvação*, pp. 53-60.
- 5 P. FRESTON, op. cit., pp. 112-113.
- 6 O recenseamento feito pela IECLB em 1987 revelou que aproximadamente 55% de seus membros vivem no campo e mais de 80% são teuto-brasileiros.
- 7 O neopentecostalismo abrange inúmeros grupos autônomos. Segue-se uma relação dos ramos mais importantes, com seus líderes: Igreja Pentecostal Deus É Amor, Davi Miranda; Igreja Evangélica Pentecostal Cristã, Marino Prudêncio Moreira; Igreja Internacional da Graça de Deus, R. Soares. Ari P. ORO, “Podem Passar a Sacolinha...”, p. 12. Como Oro, outros pesquisadores colocam a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo no rol dos grupos neopentecostais. O caráter empresarial do movimento não deveria ser o único critério para classificar determinado grupo como neopentecostal. A Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo não assume um caráter tão sectário como outras do movimento neopentecostal.
- 8 E. MACEDO, *Orixás, Caboclos e Guias*, p. 131.
- 9 ID., *Vida com Abundância*, p. 79.
- 10 A. P. ORO, op. cit., p. 15.

- 11 E. MACEDO, *Vida com Abundância*, p. 33.
- 12 L. TREVISAN, *Pode quem Pensa que Pode*, p. 29.
- 13 ID., *ibid.*, p. 15.
- 14 L. RIBEIRO, *O Sucesso não Ocorre por Acaso*, p. 73.
- 15 E. MACEDO, *O Poder Sobrenatural da Fé*, p. 136.
- 16 R. GONDIN, *O Evangelho da Nova Era*, p. 40.
- 17 E. MACEDO, *O Poder Sobrenatural da Fé*, p. 105.
- 18 ID., *ibid.*, p. 129.
- 19 C. GEERTZ, *The Interpretation of Cultures*, p. 104.
- 20 E. D. B. MENEZES, *A Quotidianidade do Demônio na Cultura Popular*, p. 101.
- 21 M. MAUSS, *Sociologia e Antropologia*, p. 54.
- 22 ID., *ibid.*, p. 71.
- 23 M. WEBER, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, pp. 28-90.

Oneide Bobsin
Travessa Bororós, 42
93214-350 Sapucaia do Sul — RS